

Editorial

No ensaio intitulado “Etnografia Interpretativa e Antropologia Teórica” que integra a obra denominada *O Saber dos Antropólogos*, Dan Sperber reflete sobre a dificuldade da Antropologia em conciliar as suas ambições científicas com a vocação interpretativa que também pretende assumir. Esta dualidade atravessa a história da Antropologia, sendo patente no trabalho de alguns antropólogos que nesta deixaram uma marca indelével. Se é certo que Radcliffe-Brown considerou a Antropologia uma ciência natural da sociedade, não é menos verdade que Evans-Pritchard, seu sucessor na Universidade de Oxford, a orientou para as humanidades ao considerar que a mesma estuda as sociedades como sistemas morais, interessando-se também pelas representações que lhes estão subjacentes, procurando mais interpretação e não tanto leis científicas e explicação. Clifford Geertz, por sua vez, foi ainda mais longe quando procurou ancorar a Antropologia na tradição hermenêutica e na Semiótica, conferindo-lhe o objetivo de interpretar os factos culturais, olhando para estes como ‘textos’.

Mas o objetivo de Sperber neste ensaio não foi apenas apresentar estes diferentes posicionamentos face ao objetivo que deve nortear a Antropologia. O autor procurou ir mais além e propôs uma via para a conjugação entre a ambição científica da Antropologia e os métodos literários. Na verdade, como bem destacou Evans-Pritchard, a Antropologia é o estudo do Homem nos seus diversos aspetos. É, pois, na confluência de várias deambulações das Ciências Humanas e Sociais, dos seus «corpus» teóricos e metodológicos que se situa a Antropologia na sua reflexão sobre a condição humana.

É também esta a opção editorial da revista *ANTROPOlógicas*, como se pode confirmar pela enunciação do seu âmbito. Sem prejuízo da centralidade da Antropologia e das Ciências Sociais, esta publicação é um espaço aberto e promotor da interdisciplinaridade e de múltiplas abordagens. Por conseguinte, os textos que compõem o presente número desta revista são disso exemplo.

O artigo científico escrito por Diogo Guedes Vidal e Helena Vilaça apresenta resultados de uma investigação exploratória, sendo estes suportados pelo recurso a um inquérito por questionário que nos dá a conhecer o que revelaram um conjunto de estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto acerca dos seus sentidos sobre esta cidade. Os autores consideram que a cidade está muito para além da sua dimensão física, sendo, sobretudo, um espaço social onde confluem diversos fluxos e práticas. Este espaço é vivido através de símbolos que configuram várias representações e identificações. Após caracterizar os inquiridos quanto ao curso superior frequentado, bem como quanto à idade, sexo, estado civil, naturalidade, zona de residência e transporte preferencialmente usado na cidade, Vidal e Vilaça dão-nos a conhecer os sentidos que a cidade tomou para os inquiridos que, nela se perdendo, encontraram uma vivência pessoal que se traduziu num sentimento que o artigo revela. A dimensão interpretativa deste artigo não se limita, porém, a tal sentimento. O leitor poderá nele encontrar desenhos que procuraram representar os mapas mentais que os estudantes têm da cidade do Porto. O interesse que Vidal e Vilaça revelaram por estes mapas mentais é demonstrativo da valorização da experiência pessoal e subjetiva da cidade do Porto, bem como da forma como a vivência nesta é mentalmente organizada em função de alguns elementos relevantes para o entendimento da urbe como espaço social plural e de multifacetadas dimensões antropológicas.

O ensaio apresentado por Fabiana Oliveira Lima e Thiago Oliveira Sales segue percursos bastantes diferentes, tendo estes o seu início na reflexão sobre o trabalho de Bronislaw Malinowski, geralmente considerado um dos fundadores de uma Antropologia com ambições científicas. A discussão em torno dos pressupostos sobre os quais se baseia a Antropologia de Malinowski não é propriamente um debate inovador e até

Dan Sperber o fez na introdução da obra já mencionada no início deste editorial. É também aí que Sperber suscita a possibilidade da Antropologia se constituir como tradição filosófica. É por esta possibilidade que a escrita de Lima e Sales deambula. São vários os autores chamados a uma 'bricolage' que inclui o clássico Levi-Strauss e abrange também o pensamento de autores da geralmente denominada Antropologia Pós-Moderna como Clifford Geertz, James Clifford ou ainda George Marcus. Mas o ensaio que agora se dá a conhecer não se confinou à Antropologia e procura evidenciar o papel da Filosofia e de alguns dos seus autores para uma melhor compreensão da Etnografia.

Este não foi, todavia, o único caminho revelado pelos textos que compõem esta revista. Neles podemos vislumbrar a importância que assume para a Antropologia a preservação de um estatuto científico, mas também a possibilidade de um posicionamento hermenêutico que a liberte de um confinamento num positivismo dogmático, alargando assim as suas perspetivas sobre o Homem e sobre a relação que este estabelece com o mundo em que habita. Este número da *ANTROPOLógicas* é publicado quando o mundo está em pleno período pandémico, o qual tem tido consequências sociais, económicas e políticas que emergem como um campo aberto ao olhar contemplativo e abrangente da Antropologia, tendo esta o dever de, sobre elas, tomar a palavra.